

PUPO, Benedito Barbosa. Um parecer da ABL sobre gentílicos.
 Correio Popular, Campinas, 07 dez. 1973.

Um parecer da ABL sobre gentílicos

Correio Popular

Benedito BARBOSA PUPO

7-12-73

Embora um grupo considerável de estudiosos dos problemas da linguística portuguesa, partidários da "língua viva", preconize que o uso é que deve ser levado em conta quando se trata de adjetivos gentílicos, há uma diminuta corrente, geralmente constituída de gente que não se aprofunda em tais estudos, que quer estabelecer regras inflexíveis para o emprego dos vocábulos designativos da qualificação do indivíduo com relação ao local, onde nasceu ou onde vive. Na minoria intransigente, contam-se aqueles que não aceitam o sufixo "eiro", repudiando, em consequência, os vocábulos secularmente consagrados, como por exemplo, "brasileiro", "mineiro" e "campineiro", defendendo a forma erudita de "brasilense" e "campinense" e, naturalmente, "minense" ou "mineirense"... Insurgindo-se contra as leis da Semântica e contra a "língua viva", os defensores do sufixo "ense" apresentam uma série de razões, na sua grande maioria inconsistentes, como se verá pela opinião de renomados filólogos aqui arroladas a seguir. Escudados em regras rígidas da formação das palavras, ditadas pela Gramática Normativa, não aceitam tais pessoas uma regra de maior força, admitida pelos autênticos filólogos, para os quais as palavras consagradas pelo uso se incorporam ao vocabulário do povo, que, em última análise, é quem faz a língua.

Alguns casos dos muitos, que conheço, ilustram o que afirmei acima. Veja-se o primeiro deles. Em 1960, a Academia Brasileira de Letras pronunciou-se em Parecer (publicado no CORREIO POPULAR de 10 de maio daquele ano) sobre qual seria o gentílico dos nascidos em ou habitantes da recém-fundada Brasília. O vocábulo "brasilense" foi aprovado por 14 votos contra o voto de 4 acadêmicos, que optaram por "brasiliano". As considerações feitas em torno dos gentílicos, considerados anômalos pela corrente contra "eiro", são muito interessantes, não deixando dúvidas quanto à sua legitimidade. Os gentílicos impugnados — "brasileiro", "mineiro" e "campineiro" — ganham assim foros de cidadania na língua vernacula. Há no documento da Academia Brasileira de Letras uma sentença que não pode ser ignorada: "O uso pode explicar essa ampliação de sentido ou essa extensão a coisas e pessoas". Tal sentença coroa a explanação feita em torno do caso, na qual encontramos este expressivo trecho: "Pois não temos a formação 'Brasileiro', aproveitando para gentílico um sufixo mais ajustado à indicação de profissão ou de atividade exercida? Verdade que, no caso, o vocábulo 'brasileiro' indica um ofício, o homem que trabalhava ou comerciava com o pau brasil. Mineiro corresponde a tendências semelhantes. Mas teríamos também campineiro, penichineiro, berlenqueiro, etc."

Recuando-se um pouco mais no tempo, chega-se ao ano de 1952, ocasião em que houve, pelas colunas do "Correio da Manhã", do Rio de Janeiro, uma polêmica em torno da questão suscitada pela publicação, no "Diário Oficial", da palavra — *brasilista*. A polêmica começou com a publicação naquele jornal carioca, da crônica de Dinah Silveira de Queiroz, na seção "Café da Manhã", em 2 de agosto. A cronista registrara o fato, insurgindo-se contra a palavra, da publicação do gentílico "brasilista" ao invés de "brasileiro", em nota do órgão oficial do Governo. Logo em seguida, A. d'Archanchy manifestou-se em defesa de "brasilista". Outras manifestações houve, mas para o nosso caso a que interessa é a do mestre Antenor Nascentes, na carta por este dirigida à Dinah e publicada em 27 de julho de 1952, no "Correio da Manhã". "É verdade — diz o mestre — que "brasileiro" como "campineiro", são pouco próprios para adjetivos pátrios. É verdade que há dois terminados em ISTA: santista e campista. Mas é jaltar ao senso linguístico querer substituir uma palavra consagrada pelo uso geral. A ação individual não conta em matéria de linguagem" (o grifo é meu).

Os dois casos seriam suficientes para demonstrar a validade, em termos linguísticos, dos impugnados, pois envolveram pessoas e entidades realmente credenciadas para opinar, com conhecimento de causa, sobre o assunto. Mas, em favor da tese que defendo de que "campineiro" é o gentílico legítimo de nossa terra, deixando para a cidade paraibana de Campina Grande, o "campinense", quero arrolar aqui algumas opiniões de renomados filólogos. João Ribeiro declara (Gramática Portuguesa — 20.a edição — 1923): "Os sufixos não têm, como sucede aos prefixos, significação exata e positiva; apresentam apenas idéia vaga e pouco definida". Para João Ribeiro que apresenta os prefixos "sub", lugar inferior, e "pre", antecipação, como exemplos de precisão, "os sufixos, porém, têm função menos definida e tomam várias acepções, conforme o uso estabeleceu", (o grifo é meu), como demonstra com os exemplos do sufixo "eiro" que tem várias significações.

Eduardo Carlos Pereira em sua Gramática Expositiva (Curso Superior — 49.a edição) ao tratar dos sufixos designativos de naturalidade e origem, escreve:

"O sufixo *eiro* é sufixo substantivo, que indica o agente. *Brasileiro* era primitivamente o que comerciava em pau brasil, como *mineiro* é o que trabalha em minas. Passando à região a chamar-se *Brasil* e *Minas*, seus derivados passaram naturalmente para a categoria de adjetivos pátrios. O mesmo se deu com *Campinas* e *campineiro*". Carneiro Ribeiro (Serões Gramaticais — 3.a edição — 1919 — Capítulo. "Dos sufixos latinos, gregos e de outra proce-

dência) registra e gentílico "brasileiro". Especificamente sobre o sufixo "eiro" escreve: "Su-
fixo frequentíssimo em nossa língua: e como
vimos, fonte muito fecunda de derivados, em
que varia muito de significação"

E os dicionários? Os dicionários, principal-
mente os editados no Brasil, em geral, como
acontece com o de Aurélio Buarque de Holanda
e João Amêndola, registram o termo "camp-
pineiro" com relação a Campinas e "camp-
pinense", com relação à cidade de Campi-
na Grande, da Paraíba. Outros que só
registram o campinense, dão ao termo a signi-
ficação de gente nascida em ou habitante de
Campinas. A título de curiosidade, apresento
alguns exemplos colhidos em alguns dos nossos
dicionários. Em seu "Grande e Novíssimo Dicio-
nário da Língua Portuguesa", Laudelino Freire
registra três vezes o verbete *campineiro*. As
três conotações ali existentes são estas: — s.m.
Pequeno peixe do rio. — adj. de *Campinas*,
n.p. + eiro. Relativo ou pertencente a Campi-
nas. — s.m. Indivíduo natural da cidade de
Campinas. O campineiro João Amêndola ao
registrar em seu "Novo Dicionário da Língua
Portuguesa" (Livraria Nobel S.A. — 1970), co-
mo Aurélio Buarque de Holanda, faz distin-
ção entre "campineiro" e "campinense", dando
a Cesar o que é de Cesar. Isto é, o gentílico
"campineiro" para Campinas e o "campinen-
se" para Campina Grande. Candido Jucá (Di-
cionário Escolar das Dificuldades da Língua
Portuguesa — 2.a edição — MEC — Departa-
mento Nacional de Educação — Campanha Na-
cional de Material de Ensino) também registra
corretamente, de acordo com a consagração po-
pular o termo campineiro para a nossa gente

No meu último encontro em São Paulo
com Guilherme de Almeida, o poeta que repu-
diava o "campinense" dizia-me: "Por que a
inovação do "campinense"? Deixemos esta pa-
lavra para Campina Grande e fiquemos com o
"campineiro" para a nossa gra... an. an... de
Campinas..." Tinha razão Guilherme de Al-
meida. Além de tomar-se uma coisa que por
uso, por tradição, pertence a outrem, a mu-
dança acarretaria uma série icomensurável
de implicações, a começar pela necessidade de
retirar-se da circulação todos os dicionários da
Língua Portuguesa, para serem substituídos pe-
los novos, com o registro de "campinense"
para Campinas. Outra medida a ser tomada: a
da mudança do nome de uma rua paulistana.
Por ato de 15 de julho de 1914, quando na Pre-
feitura da Capital, Washington Luís, foi dada
a uma rua do Belenzinho, o nome de "Rua dos
Campineiros", como homenagem aos habitan-
tes de Campinas. Em 4 de fevereiro de 1932 ac-
se elaborar o Ato n.º 305, dando novas denomi-
nações e substituindo nomes de diversas ruas
da Capital, a denominação de Campineiros
foi mantida para a rua em homenagem aos
campineiros.